

REFLEXÕES SOBRE O INTERDISCURSO

Palmira HEINE³

Resumo: Este artigo objetiva trazer à baila algumas reflexões acerca do interdiscurso, um dos elementos constitutivos das condições de produção do discurso. Tem, portanto, como base teórica a Análise do Discurso de Linha Francesa, corrente para a qual a noção de interdiscurso é de fundamental importância. Para atingir tal objetivo, propõe-se discutir o conceito de interdiscurso dentro do escopo teórico da Análise do Discurso de Linha Francesa, bem como diferenciá-lo da noção de intertextualidade, própria da Linguística de Texto e com a qual é muitas vezes apontado como sinônimo. Como resultado observa-se que o interdiscurso é muito mais do que uma simples relação entre discursos, como poder-se-ia concluir numa leitura descuidada do termo, mas é a base de toda e qualquer enunciação uma vez que não existem discursos que não sejam estabelecidos a partir de já-ditos., de pré-construídos e que não existem discursos desvinculados de uma alteridade que os constitui.

Palavras-Chave: Interdiscurso. Memória. Discurso.

Abstract: *This papers aims to discuss about the interdiscourse, one of the elements that is very important to the French Analysis of Discourse. To achieve this goal, the paper intends to address the concept of interdiscourse within this theoretical field, also establishing differences between interdiscourse and intertextuality. As a result, it has been observed that the interdiscourse is much more than a simple relationship between discourses, as it could be concluded in a careless reading of the term, but it is the foundation of any utterance since there are no speeches established without a relation from the already-said, and there are no speeches rid of history.*

Keywords: *Interdiscourse. Discour. Memory.*

³ Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Bahia. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa do Discurso- NUPED, dessa mesma instituição. E-mail: pheine@ig.com.br

BREVE REFLEXÃO SOBRE O INTERDISCURSO NA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

Segundo Orlandi (2005b, p. 30), as condições de produção “[...] compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação.”

Ainda conforme a autora, as condições de produção podem ser observadas sob dois pontos de vista: o primeiro deles propõe considerá-las em sentido estrito e, nesse caso, falar-se-ia no contexto imediato de produção do discurso; o segundo deles, propõe considerá-las em sentido mais amplo, e, nesse caso, têm-se os contextos histórico e ideológico.

A memória, por sua vez, também faz parte das condições de produção do discurso no seu sentido mais amplo. Quando pensada em relação ao discurso, a memória discursiva pode ser vista como interdiscurso. É nesse sentido que se pode afirmar que o interdiscurso está no plano da memória (o conjunto do dizível) que constitui o discurso. Dessa forma, tudo o que já foi dito e esquecido sobre determinado tema funciona como interdiscurso. Como um “já-dito”, o interdiscurso não é facilmente identificável, uma vez que pressupõe uma imensa gama de enunciados sociais e históricos, exteriores ao sujeito e a ele anteriores. Para esclarecer ainda mais essa questão, toma-se a seguinte citação:

O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. Pelo conceito de interdiscurso, Pêcheux nos indica que sempre já há discurso, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciator. Ele se apresenta como séries de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória. Esse domínio constitui a exterioridade discursiva para o sujeito do discurso (ORLANDI, 1992, p. 89-90).

Observando-se a citação anterior, percebe-se que o interdiscurso funciona como memória, no sentido de que ele é o “já-dito”, o pré-construído, que pressupõe uma relação direta com a História e com o social. Desse modo, retomando-se o exemplo da terminologia mulher, concebe-se como interdiscurso todo o “já-dito” sobre a mulher: que essa deve apenas se reservar a criar os filhos, deve ser prendada, obediente ao marido, deve se dedicar às tarefas domésticas etc. Enfim, tudo o que já foi dito, todo o

pré-construído sobre a mulher funciona como interdiscurso e é acionado no momento em que o sujeito enuncia.

Para que o interdiscurso atue adequadamente sobre o sujeito, é preciso que haja o esquecimento, ou seja, que o “já-dito” seja esquecido, a fim de que faça sentido na enunciação de determinado sujeito. De acordo com Orlandi (2005b, p. 35), podem-se distinguir basicamente duas formas de esquecimento no discurso, quais sejam: o esquecimento enunciativo, denominado por Pêcheux (1997b) de esquecimento número 2; e o esquecimento ideológico, denominado por ele de esquecimento número 1. O esquecimento enunciativo diz respeito à maneira como os interlocutores utilizam as palavras, no momento em que produzem o discurso. Assim sendo, esse esquecimento faz com que os indivíduos usem umas palavras em lugar de outras, atestando que o modo de dizer algo se relaciona com o sentido que se quer gerar, ao produzir-se determinado enunciado, ou seja, o modo de dizer não é indiferente aos sentidos. Esse é um esquecimento parcial, semi-consciente, e, muitas vezes, recorre-se a ele através do uso de sequências parafrásticas, a fim de se especificar o que se pretende dizer.

Nas palavras de Pêcheux e Fuchs (1997b, p. 176):

[...] a enunciação equivale pois a colocar fronteiras entre o que é selecionado e tornado preciso aos poucos (através do que se constitui o universo do discurso) e o que é rejeitado. Desse modo se acha, pois, desenhado num espaço vazio no campo de “tudo o que seria possível ao sujeito dizer (mas que não diz)” ou o campo de “tudo a que se opõe o que o sujeito disse”.

Trata-se, portanto, de um esquecimento semi-consciente, quando o sujeito escolhe determinados itens lexicais e refuta outros.

O outro esquecimento é o ideológico ou esquecimento número 1, que se direciona diretamente com o interdiscurso. Através desse esquecimento, relaciona-se o que é dito na atividade discursiva com discursos preexistentes que são acionados na memória, no momento em que se produz um evento discursivo.

Conforme Pêcheux e Fuchs (1997b, p. 168):

O ponto da exterioridade relativa de uma formação ideológica em relação a uma formação discursiva se traduz no próprio interior desta formação discursiva: ela designa o efeito necessário de elementos ideológicos não discursivos (representações, imagens ligadas a práticas etc.) numa determinada formação discursiva (PÊCHEUX; FUCHS, 1997b, p. 168).

É nesse sentido que o discurso é sempre atravessado por outro; uma formação discursiva é sempre permeada por outras formações discursivas com as quais se relaciona ou se opõe. Desse modo, os discursos preexistentes são “esquecidos” pelo interlocutor e só vêm à tona no momento da enunciação, momento em que são ativados. Atesta-se, portanto, a noção de que o discurso é atravessado pela História e pela ideologia e que o esquecimento é estruturante, já que permite a constituição dos sujeitos que, ao esquecerem o que já foi dito, se identificam com o que dizem, e, então, se constituem como tais.

COTEJANDO INTERDISCURSIVIDADE E INTERTEXTUALIDADE: DISTINÇÕES NECESSÁRIAS

Como forma de esclarecer ainda mais o conceito de interdiscursividade dentro do campo da Análise do Discurso de Linha Francesa (ADLF), é preciso que se faça uma distinção bastante salutar entre conceitos que, muitas vezes, são confundidos e apontados como sinônimos, tais como: o interdiscurso e a intertextualidade. O interdiscurso e a intertextualidade não podem ser confundidos, uma vez que tais noções filiam-se a correntes teóricas diferentes.

Para esclarecer tal diferenciação, deve ser observada a citação a seguir:

Se tanto o interdiscurso como o intertexto mobilizam o que chamamos de relações de sentido, que explicitaremos à frente, no entanto o interdiscurso é da ordem do saber discursivo, memória afetada pelo esquecimento, ao longo do dizer, enquanto o intertexto restringe-se à relação de um texto com outros textos. Nessa relação, a intertextual, o esquecimento não é estruturante, como o é para o interdiscurso (ORLANDI, 2005b, p. 34).

A intertextualidade pode, por sua vez, ser concebida como a relação direta ou indireta entre textos. Para Koch (2006), mesmo que a relação entre os textos seja indireta, consegue-se constatar a intertextualidade a partir da ativação de uma memória social, do conhecimento de mundo.

Desse modo, para que haja a intertextualidade, no sentido *stricto sensu*, é preciso que se considere a inserção de um texto em outro, tendo como base a memória social. Isso quer dizer que, mesmo que a inserção de um texto em outro não seja feita de forma direta, pode-se recuperar facilmente o texto ali inserido pela ativação de uma memória social. No campo teórico, a intertextualidade relaciona-se com os pressupostos da Linguística Textual, cuja base filosófica se pauta na Pragmática. Tal corrente filosófica concebe a existência de um sujeito livre, consciente, marcado pela intencionalidade.

Sendo assim, apesar de intertextualidade e interdiscurso serem elementos com características semelhantes, não se pode confundir tais conceitos, porque o interdiscurso é concebido como a memória discursiva estruturante de todo e qualquer discurso, tendo como base tudo o que já foi dito e esquecido sobre determinado tema e tendo o esquecimento como base de sua constituição. Além do mais, o sujeito produtor do interdiscurso é um sujeito semi-livre, interpelado pela ideologia, afetado pelo inconsciente e que não é a origem do dizer.

Por outro lado, quando se fala em intertextualidade, faz-se referência à relação estabelecida implicitamente ou explicitamente entre textos. Segundo Koch (1997, p. 108), a intertextualidade:

[...] ocorre quando um determinado texto está inserido em outro texto anteriormente produzido [...] em se tratando de intertextualidade *stricto sensu*, é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos de textos efetivamente produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação.

Nesse caso, o sujeito produtor do intertexto é um sujeito pragmático, livre em sua essência, totalmente dono do dizer e origem do discurso. O intertexto está no nível do enunciado, conforme estabelecido por Benveniste (1989)⁴, enquanto o interdiscurso está no nível do discurso. Para melhor esclarecer essa questão, elaborou-se o quadro seguinte:

⁴ Segundo Benveniste (1989), a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso, ou seja, a enunciação, de acordo com ele, pressupõe a existência de um sujeito individual, consciente.

Intertextualidade	Interdiscursividade
Pode ser entendida como a relação direta ou indireta entre textos gestados na memória social ou coletiva.	É o conjunto do dizível, de tudo o que já foi dito e esquecido sobre determinado tema. Relaciona-se com o esquecimento ideológico e com a memória histórica.
Pressupõe a existência de um sujeito pragmático, livre e dono do dizer.	Pressupõe a existência de um sujeito assujeitado pela ideologia e semi-livre.
Está no plano da enunciação de Benveniste, que pressupõe a existência de um sujeito consciente, individual, origem do dizer.	Está no plano do Discurso e da Ideologia, pressupõe a relação direta com o esquecimento (tudo o que já foi dito e esquecido sobre determinado tema constitui-se como interdiscurso) e pressupõe a interpelação do sujeito pelo inconsciente.
É facilmente identificada a partir do conhecimento prévio, do conhecimento de mundo do enunciador que, a partir dessas premissas, identifica o intertexto mesmo que este não ocorra explicitamente.	Não é facilmente identificável, uma vez que pressupõe todo o conjunto de dizeres já-ditos e esquecidos, constituídos histórica e socialmente, exteriores aos sujeitos e a eles anteriores.

Quadro 1: As diferenças entre a Intertextualidade e a Interdiscursividade.

A título de ilustração, lança-se mão do exemplo a seguir, revelando como se pode observar nele a ocorrência do interdiscurso e da intertextualidade:

Exemplo (1)



Figura 1 (Retirada de: <http://www.cambito.com.br/tiras/charges.htm#fim>)

No exemplo 1, pode-se observar uma charge na qual há uma crítica aos políticos brasileiros. A intertextualidade ocorre aí a partir do diálogo que a mesma estabelece com a esponja de aço Bombril, cuja propaganda é bastante conhecida pelo público. A intertextualidade é facilmente identificável a partir da ativação de elementos do conhecimento de mundo dos co-enunciadores aos quais a crítica se dirige. Esses últimos são brasileiros que já ouviram ou viram na televisão as campanhas publicitárias da referida esponja de aço, e que, portanto, conseguem identificar a relação estabelecida entre o texto da charge e o texto fonte (do Bombril), identificando com uma certa facilidade o intertexto aí concretizado.

A interdiscursividade, ao contrário, não é facilmente identificável, nem pode ser delimitada de forma tão clara, uma vez que se constitui como todo o já-dito que subjaz a charge em questão. Assim, tudo o que já foi dito sobre os políticos brasileiros, os casos de corrupção tão conhecidos pelo público, a reputação da classe política, as indagações sobre a honestidade dos mesmos ao lidar com o dinheiro público, a falta de decoro parlamentar, dentre outras coisas, faz parte do interdiscurso. Isso mostra que o discurso não é, como já afirmou Bakhtin (2000) aquela entidade adâmica, cujas palavras são únicas e nunca ditas anteriormente. Mostra também que o sujeito não é efetivamente origem do dizer, uma vez que as suas palavras são sempre marcadas pelo já-dito constitutivo de todo e qualquer discurso.

Dessa forma, pode-se dizer que o interdiscurso pode ser definido também como a memória, sendo uma noção de extrema importância para a Análise do Discurso de Linha Francesa. Tal memória, concebida como sinônimo de interdiscurso, é a base de todo e qualquer enunciado, visto que não há enunciado que surja livremente sem ter uma ancoragem em outros enunciados preexistentes. É também no campo da memória que reside a historicidade do discurso e é de tal memória que os sentidos do enunciado são construídos. Diante disso, Orlandi (2005b, p. 32) assevera que: “o fato de que há um “já-dito”, que sustenta a possibilidade mesma de todo o dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia”.

É importante ainda ressaltar que a noção de intertextualidade e de intertexto possuem uma tônica diferente da estabelecida pela Linguística Textual na obra de Maingueneau (1997). Segundo o referido pensador, a noção de intertexto difere daquela

proposta pela Linguística de Texto principalmente no tocante à concepção de sujeito. O sujeito da Linguística Textual é livre para citar ou retomar a porção textual que quiser, portanto, a intertextualidade liga-se, neste caso, a um sujeito pragmático. No entanto, Maingueneau (1997, p.86) assevera: “o sujeito que enuncia a partir de um lugar definido não cita a quem deseja, em função de seus objetivos conscientes, do público visado, etc. São as imposições ligadas a este lugar discursivo que regulam a citação”. Desse modo, o autor propõe distinguir intertexto de intertextualidade. Segundo ele (1997, p.186) “por intertexto de uma formação discursiva entender-se-á o conjunto dos fragmentos que ela efetivamente cita” e a intertextualidade é “o tipo de citação que esta formação discursiva define como legítima através de sua própria prática”. Assim, no processo de intertextualidade, tende-se a privilegiar a citação de textos que se relacionem com a formação discursiva da qual o texto fonte faz parte. Como exemplo, pode-se citar a predileção dos textos provenientes de instituições cristãs por citar trechos da bíblia (que se relacionam com a formação discursiva cristã).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando-se a interdiscursividade como sinônimo de memória discursiva, parte das condições de produção do discurso, pode-se notar que este conceito é de fundamental importância para a Análise do Discurso de Linha Francesa, uma vez que todo enunciado que concretamente se manifesta no discurso é construído a partir de um já dito e é inevitavelmente marcado pela alteridade.

Compreende-se, portanto, que o interdiscurso não é apenas a relação direta ou indireta entre discursos, mas é a base de toda e qualquer atividade discursiva, uma vez que pode ser compreendido como todo o conjunto do já-dito que sustenta o dizível, indo muito além de uma simples relação entre discursos. Ao contrário, não existe discurso que não seja afetado pela memória e pela historicidade, não existe discurso sem interdiscurso.

Referências

BRAIT, B. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2004.

_____. Da língua ao discurso, do homogêneo ao heterogêneo. In: BRAIT, Beth (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. São Paulo: FAPESP, 2001. p. 59-69.

FÁVERO, L; KOCH, I. G. V. *Linguística textual: introdução*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2007.

_____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2. p. 101-142.

MAINGUENEAU, Dominique. Notas de aula. *Tópicos em análise do discurso*. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 21 e 22 de maio de 2009.

_____. A noção de ethos discursivo. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008a. p.11-29.

_____. *Cenas da enunciação*. Tradução de Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, Néelson de Barros da Costa et all. São Paulo: Criar Edições, 2008b.

_____. *Discurso literário*. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Ethos, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005a. p. 68-92.

_____. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005b.

_____. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília Pérez de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Língua brasileira e outras histórias: discurso sobre a língua e ensino no Brasil*. Campinas: RG, 2009.

_____. Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni Puccinelli, RODRIGUES, Suzy Lagazzy. *Discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, p. 13-31.

_____. A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos, SP: Claraluz, 2005a. p. 75-88.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005b.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. São Paulo: Pontes, 2001.

_____. (Org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. São Paulo: Pontes, 2000.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

_____. *As formas do silêncio*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997a p. 61-161.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Péricles Cunha. 3. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997b. p. 163-252.

POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso: ensaios sobre o discurso e o sujeito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009a.

_____. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009b.